

LÚCIO CARDOSO, LEITOR DOS *JOURNAUX* DE JULIEN GREEN:
CONFLUÊNCIAS E CONTRADIÇÕES

Rogério Lobo Sáber¹

RESUMO

Propomos um estudo crítico-comparativo da escrita diarística do autor brasileiro Lúcio Cardoso e do autor franco-americano Julien Green. Os objetos nucleares da empresa crítica são os textos pertencentes ao Diário I (1949-1951) e ao Diário II (1951-1962), de Lúcio Cardoso, e o quarto tomo dos *Journaux*, de Julien Green, intitulado *L'œil de l'ouragan* (ou *Entends la douce nuit*), compilação que abrange os anos 1943-1945. Os diários analisados convertem-se em suporte de crítica e reflexão porque pensam a própria escrita diarística e o papel do escritor. Trata-se ainda de obras literárias que registram as reflexões que esses dois escritores católicos engendram a respeito da homossexualidade, tema a que daremos destaque. Investigamos qual o tratamento conferido à questão da homossexualidade pelos autores, como se dá (via diários) a encenação do drama existencial de cada um e quais são as (in)compatibilidades por eles vislumbradas no que diz respeito à religião e à homossexualidade.

Palavras-chave: Diários de escritores. Lúcio Cardoso. Literatura Brasileira. Julien Green. Literatura Francesa.

Neste artigo, propomos uma leitura crítico-comparativa da escrita diarística do escritor mineiro Lúcio Cardoso (1912-1968) e do escritor franco-americano Julien Green (1900-1998). É nosso propósito evidenciar aqueles temas de confluência que, no âmbito dos registros em diários, nos parecem ser os mais relevantes e os que mais instigam reflexões aprofundadas sobre a figura do escritor, suas crenças e a realidade circundante. Não cuidaremos, no escopo deste trabalho, de temas dissidentes, optando por explorar, o seguinte recorte, sobretudo considerando o significativo volume de escritos diarísticos de Cardoso e, também, de Green: de Lúcio, tomaremos nuclearmente o Diário I (1949-1951) e o Diário II (1951-1962)²; de Green, investigaremos o quarto tomo de seus *Journaux*, intitulado *L'œil de l'ouragan* (ou *Entends la douce nuit*), que abrange os anos 1943-1945 e que foi publicado pela Plon em 1949. O critério para seleção do quarto tomo da obra de Green foi-nos dado pelo próprio escritor brasileiro, que,

¹ Aluno do Programa de Doutorado em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor auxiliar da Universidade do Vale do Sapucaí (Pouso Alegre, MG).

² No entanto, incursões pelos outros diários da compilação serão feitas quando necessárias. Adota-se aqui a edição brasileira crítica dos **Diários**, compilada por Ésio Macedo Ribeiro em 2012.

em 30 de agosto de 1949, anota em seu diário a recém-concluída leitura do referido volume do romancista francês.

Ávila (2016) defende que os diários de Lúcio Cardoso se animam por três temas principais, sendo eles: o escritor e seu contexto histórico, reflexões sobre a escrita diarística e reflexões sobre a homossexualidade. Seu percurso abstém-se de detalhar essa última questão e, portanto, julgamos ser possível ler comparativamente o *corpus* selecionado a fim de investigar como se estabelecem, nos textos, discussões referentes à homossexualidade e qual o tratamento a elas conferido pelos dois escritores.

Algumas questões motivaram a investida crítica que aqui propomos: perseguindo as entradas dos diários de Lúcio Cardoso em que se faz menção a Julien Green – e também à sua obra romanesca e diarística –, que leitura o romancista brasileiro faz desse seu mentor intelectual? O que os diários nos têm a dizer sobre o drama existencial dos autores, drama instaurado principalmente pelas controvérsias relativas à homossexualidade? Como os dilemas sexuais são interpretados a partir da escrita diarística? No que se refere à discussão da religião e da homossexualidade, qual perímetro a escrita diarística de cada um traça nesses tomos selecionados?

O diário, para Lúcio Cardoso, é espaço para experimentação; as múltiplas recorrências à língua francesa existentes em seu material diarístico indicam-nos a liberdade assegurada pelo gênero e também a matriz literária francesa à qual a escrita de seu diário se filia. Os *Journaux* de Julien Green, vale esclarecer, são as obras do gênero que mais contribuíram com a formação de Lúcio Cardoso como diarista (ÁVILA, 2016). O autor de *Mont-Cinère*, eleito membro da *Académie Française* em 1971, publicou, em vida, mais de 15 diários e disposições testamentárias impedem a publicação integral desse material até o ano 2048 (PERRIER, 2006). Os seis primeiros tomos foram publicados como *Journal I*, *Journal II*, *Journal III* etc. Posteriormente, houve atribuição de títulos epítéticos a essas obras (esgotadas editorialmente) cuja redação teve início aos 18 anos³ e se prolongou por toda a vida do escritor.

Para além da afinidade católica e do apreço por discussões de ordem metafísica e moral, o pertencimento de Green ao acervo de leituras de Lúcio Cardoso justifica-se, como bem

³ Green anota, em 30 de novembro de 1945: “Pensei, não sem uma secreta humilhação, em meu diário, o qual mantenho desde os *dezoito anos*” (Green, 1949, p. 267, tradução e grifo nossos).

esclareceu Ávila (2016), pelo fato de que, no acervo diarístico de escritores brasileiros, Julien Green era proeminente chanceler, uma vez que a biblioteca dos escritores nacionais não dependia somente da iniciativa pessoal de eleição das obras permanentes, mas também do mercado livreiro do Brasil, que subordinava a possibilidade de leitura de um ou outro autor à disponibilidade em catálogo. Green é o mapa de Cardoso no Distrito Diarístico da República das Letras, mas mapa do qual o autor mineiro parece não ter tentado se aproximar pessoalmente, embora fossem contemporâneos.⁴

Os comentários que Cardoso inscreve a respeito de Green transitam entre a esfera encomiástica – o autor franco-americano é visto como um “senhor num território de brumas e neves irisadas, onde a loucura passeia com toda a sua nativa majestade” (agosto de 1949) (CARDOSO, 2012, p. 189) – e a esfera do desacordo e da crítica. Em 30 de agosto de 1949, Cardoso mostra-se incomodado com a concepção defendida por Green, para quem a carne é o “pecado máximo” que “em definitivo nos afasta do caminho de Cristo” (p. 194). Para o escritor mineiro, as causas do afastamento da vida em Cristo não deveriam resumir-se a questões carnis – aí inserida, por extensão, a questão da homossexualidade, fantasma comum aos dois autores – uma vez que a “difícil procura da humildade” (p. 194), ou seja, a soberba de muitos fiéis, lhe parece tão fatal à renúncia a Cristo quanto quaisquer outros embates vivenciados pelo sujeito.

Não, acho que são exatamente essas raízes do velho puritanismo que Green condena, que alimentam suas exaustivas dúvidas. O problema é mais vasto – e no grande romancista de *Adrienne Mesurat*, gostaria de encontrar agora uma análise mais extensa e uma visão da vida mais profunda, que não nos dão certamente essas querelas entre a carne e Deus, capazes apenas de nos transmitir, no fim de tudo, a impressão de uma pungente banalidade. (30 agosto 1949) (CARDOSO, 2012, pp. 194-195)

Em várias passagens de seus diários, Cardoso discorda do comedimento de Green e chega mesmo a sugerir uma hipocrisia em sua postura quando lê, no diário francês, uma espécie de profissão de fé do autor de **Leviathan**: “Ora, o verdadeiro romancista não domina seu romance, ele se torna seu romance, mergulha nele” (1 de fevereiro de 1945) (GREEN, 1949, p.

⁴ Para Ávila, os diários cardosianos são o “exemplo mais bem-acabado” (2016, p. 45) de diário brasileiro do século 20. Wilson Bueno (2008) também defende a mesma ideia de que Lúcio Cardoso insere-se dentro da ala superior dos diaristas brasileiros, tendo sido influenciado pelos católicos franceses. Tristão de Athayde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, em 29 de janeiro de 1939, em artigo de *O jornal*, do Rio de Janeiro, declara que Lúcio Cardoso seria o Julien Green brasileiro (ALMEIDA, 2009).

192, tradução nossa). O posicionamento soa somente como palavreado vão, uma vez que Green, para Cardoso, pinta-se sempre de forma morigerada, assumindo um comportamento sereno que representa justamente o antípoda da índole dos personagens greenianos.

Embora não atentem contra os bons costumes (o que seria levar a causa às últimas consequências), os registros diarísticos de Cardoso, por sua vez, querem-se muito mais polêmicos do que os de Green, predileção que contribui com a construção e com a manutenção daquela imagem controversa de escritor, delineada e examinada detalhadamente por Santos (2001). Cardoso é um *enfant terrible*, arauto da Musa Paixão, e esforça-se por pintar-se vertiginosamente assim em seus diários: “Quando estas anotações foram primeiro tomadas, havia a intenção firme de uma publicação posterior integral e sem qualquer retoque na sua redação instantânea, quase sempre propositadamente bárbara” (Nota introdutória aos diários) (CARDOSO, 2012, p. 39).

Em setembro de 1951, Cardoso reforça a têmpera irrepreensível que os diários garantem a Green e incomoda-se novamente com a imagem ali construída de forma impecável. Os diários, da maneira como são redigidos por Green e lidos pelo seu receptor brasileiro, divulgam o semblante de um lorde Fauntleroy, ou seja, de um garoto afetadamente comedido e exemplar:

Releio algumas páginas do último *Journal* de Green – e o tom é tão certinho, tão límpido nas suas intenções como intencional nas suas obscuridades, que não posso esconder a impressão de que o autor é exatamente o que se chama «um menino bonzinho». O primeiro da classe, naturalmente. Pode ser que reunido ao que ele diz ter guardado para publicação após a sua morte, esta opinião desapareça. Mas tanta tranquilidade afinal exaspera um pouco. (CARDOSO, 2012, p. 381)

Os *Journaux* de Green são lidos, por Lúcio, como sendo escritos de um puritano, de uma “solteirona, culta e beata” (fevereiro de 1960) (2012, p. 479), antes protestante do que católica. Green, via leitura cardosiana, vislumbra o mal em todas as frestas da realidade e, dentre todas as possibilidades de pecado forjadas pelo demônio, as questões carnis são as mais urgentes e fatídicas. O puritanismo de Green marca seus escritos por meio da tensão que se estabelece constantemente entre a pureza e a austeridade moral, típicas de uma visão de mundo protestante (ZAFIROVSKI, 2007), e a tendência humana à bestialidade.

Em Green, há uma propensão puritana mais insistente ao emprego de uma escrita edulcorada, que discute questões cruciais da natureza humana, mas que em raras situações nos atordoia profundamente com o grotesco. Lúcio Cardoso, de forma mais recorrente do que Green,

permanece firmemente face ao grotesco para interpretá-lo como interpelação divina: “Meu Deus, aquela imagem de outro dia me obseda. Aquele grito... Onde extrair o divino naquele rosto degradado que me interpelou na rua? No entanto Cristo existe, eu sei, e talvez fosse Ele que me chamasse através daquela boca alcoolizada” (23 agosto 1949) (CARDOSO, 2012, p. 192).

O comentário do mineiro – que julga Green como sendo um escritor de *anima* mais vinculada, por sua criação puritana, ao que seria uma espécie de Protestantismo de agressivas exigências morais – abre caminhos para uma investigação que busca comparar de que modo a formação protestante da mãe de Green e episcopal do pai de Green (que, posteriormente, se converte ao catolicismo) e também as histórias nostálgicas sobre a perda do Sul na Guerra Civil Americana incutiram, no escritor franco-americano, uma visão de mundo que assinala e interpreta, para além de quaisquer outras relações, o desventurado triângulo amoroso que se estabelece inerentemente entre a carne, o pecado e a alma (MAHER, 2007; O’DWYER, 2013).

Intelectual profundamente vinculado a questionamentos metafísicos, Green observa a realidade e, dela se apropriando, cria instantâneos dos fatos imediatos. Todavia, qualquer que seja a descrição verbal vívida (*depiction*) engendrada pelo diarista, ela se fundamenta sobre uma visão pessimista, que concebe a existência humana como desencontrada, trágica. A vileza do ser humano é tamanha que Green chega a interpretar a expressão do Cristo, na pintura *L’homme de douleur* (de Albert Dürer), como sendo uma expressão de “vergonha de nossa humanidade” (30 abril 1943) (GREEN, 1949, p. 31, tradução nossa).

Lis, ao estudar diários franceses, acentua a tendência, na primeira metade do século 20 – período em que escrevem Lúcio Cardoso e Julien Green – que o diário tem de vincular-se à “análise sociológica e histórica” (1996, p. 8, tradução nossa). O mesmo teórico delimita que o diário, desde o limiar do século 20, volta-se à autorreflexão de sua própria escritura. Portanto, o gênero que, em momento anterior, tendia a servir somente de partitura biográfica (aí inseridas as pontuações histórico-documentais filtradas do cotidiano), reivindica também uma função *metapoiética* porque não mais explora unicamente os embates psíquicos do seu autor, mas serve de espaço para que possa refletir sobre o fazer literário. No caso de Green e de Cardoso, os autores atingem um ponto ótimo de equilíbrio, na medida em que seus diários se prestam a ser confessionário psíquico (espaço onde se reconhecem e investigam-se dilemas existenciais), mas também a mesa de carpinteiro para o trabalho literário.

O diário é interpretado, por Lúcio Cardoso, como sendo um espaço de liberdade, capaz de resguardá-lo da alienação e da burocracia cotidianas, do esvaziamento das relações humanas e da solidão que, ora o escritor reivindica deliberadamente para si, ora lhe é imposta pelos companheiros de existência.⁵ O diário cardosiano, de acordo com Ávila (2016), serve também de espaço à construção de sua poética, a partir do registro do que pode ser interpretado como sendo uma iniciativa de diálogo reflexivo com as leituras literárias feitas, *pari passu*, ao registro diarístico.

Esse esclarecimento acompanha a opinião de Didier, para quem “todo diário íntimo é sempre, pouco ou muito, o diário de uma obra” (2002, p. 149, tradução nossa). A leitura dos diários de Cardoso e de Green não deve sugerir um caminho divergente ao dos textos de criação literária propriamente ditos; pelo contrário, torna-se um acervo que acolhe carinhosamente as dúvidas que os autores nutrem em relação aos seus projetos literários, os palpites criativos ainda em esboço, as impressões que reservam aos autores preferidos ou àqueles que, de alguma forma, legitimam ou problematizam sua visão de mundo e a visão que se tem da arte.

Beneficiários da escrita diarística, que lhes permitem compreender a si mesmos, à sua obra e à realidade circundante, Green e Cardoso têm ciência de que o diário não consegue (e nem deveria conseguir) açambarcar toda a verdade de seu redator. No entanto, Cardoso, diferentemente de Green, não se mostra tão irrequieto com essa limitação do diário. Em 8 de março de 1943, redige Green: “O que reprovoo em relação a este diário é de não me encontrar inteiro nele” (GREEN, 1949, p. 21, tradução nossa). Em 26 de janeiro de 1945, o autor regressa à mesma litania: “Não estou inteiro nestas páginas... Ontem, em uma crise de pessimismo, dei a entender que não confessava senão pecados sem importância” (p. 191, tradução nossa).

O ponto de vista defendido por Didier mostra-nos precisamente que “a escritura não é a vida” (2002, p. 144, tradução nossa) e que, portanto, não deve reclamar utopicamente para si a tarefa de recuperar/reconstituir a vida integral do autor. No entanto, nota a autora, o pacto

⁵ Como anota Santos, os escritos literários cardosianos, à sua época, não serviam ao projeto de literatura regionalista então em voga no Brasil e a escolha de um outro projeto estético teria, nas polarizadas décadas de 30 e 40, sido negativo ao escritor, que ficara, por muitos anos, à margem: “Lúcio, pelo contrário, parece ter se prejudicado da decisão de ter ousado defender uma ficção cujos fins seriam diversos daqueles pregados pelos regionalistas nordestinos e que, naquele momento, não granjeava da simpatia da grande maioria do público e da crítica. Uma ficção sem finalidades políticas, sem compromisso com a denúncia social, sem preocupação em documentar [diretamente, poderíamos acrescentar] a realidade brasileira.” (2001, p. 197)

primeiro designado por tal gênero literário é aquele que nivela, a um mesmo valor, “a identidade do autor, do narrador e do personagem” (p. 147, tradução nossa), o que implica dizer que os leitores, ao penetrarem no tecido do diário íntimo, esperam nele encontrar registros que respeitem a cronologia e correspondam à veracidade dos fatos.

Portanto, talvez uma leitura crítica mais humana – e, por isso mesmo, maleável, mantida ao abrigo da pretensão de decalcar o que se deseja por uma imagem perfeita do escritor, que é alma pulsante, criatura que se contradiz em suas sístoles e diástoles criativas – seja a que investigue os diários pela via do “biografema”, conceito cunhado por Barthes para referir-se a “pequenos detalhes, que por si só podem dizer tudo a respeito de um indivíduo” (DOSSE, 2009, p. 306, tradução nossa).

A leitura de uma obra diarística, à luz da proposta do biografema barthesiano (BARTHES, 1979), não nos impele, na qualidade de leitores, à busca obsessivo-cirúrgica de relações causais entre os fatos da vida narrada e, sequencialmente, à reconstrução “linear e coerente” (DOSSE, 2009, p. 308, tradução nossa) de uma fotografia biográfica estática. Pelo contrário, a tentativa de reconstrução de uma vida, via biografema, deve reconhecer-se falha, mas idiossincrática e, por conseguinte, empática.

Marty (1985) confirma que o “íntimo”, o “segredo”, a “sinceridade” e a “morte” são temas obsedantes em um diário: é do que podemos nos certificar igualmente sobre os diários de Lúcio Cardoso e de Julien Green. Tanger, como seja, o segredo do seu autor: é esse o pacto que nos propõe o diário, que é suporte que demanda, do escritor, o exercício de ser honesto e de se refletir em sua superfície. O reflexo mostra o que o autor consegue, para si e para os outros, desvelar, mesmo que pela via incompleta do biografema. A “sinceridade”, no entanto, é o “protocolo” (MARTY, 1985, p. 223, tradução nossa) que sempre é reafirmado pelo escritor ao longo das páginas.

Em outras palavras, o pacto com a honestidade é estabelecido já no momento em que se redige/constrói o reflexo de si para si. É preciso reiterá-lo sempre para que o diário guarde consigo um sopro humanizador: o escritor deve contar tudo, mesmo suas vaidades, para reforçar a iniciativa de transparência. É como Lúcio Cardoso encara seu próprio “Diário I” ao redigir estas palavras de encerramento:

Não tentei me ocultar [nestas páginas], nem me fazer melhor do que realmente sou. Nem melhor, nem pior. Se de nem tudo falei, se sobre aquilo que provavelmente constituiria o interesse do público mais numeroso calei-me ou apenas sugeri o que devia ser a verdade, é que um arrolamento constante de fatos sempre me pareceu monótono e sem interesse para ninguém. A questão sexual, por exemplo, que alguns leitores provavelmente reclamariam, que adiantaria estampá-la, destituída de força, apenas para catalogar pequenas misérias sem calor e sem necessidade? (CARDOSO, 2012, pp. 358-359)

Constata-se, pelas palavras de Cardoso, que seu diário denominado “íntimo” não atende ao que deveria ser o princípio da sinceridade integral, pois o próprio autor assinala não ter se detido à “questão sexual”.

Larivière (1998), ao retomar a história da homossexualidade no século 20 – baliza temporal a que pertencem as obras de Julien Green e de Lúcio Cardoso –, esclarece-nos que, na primeira metade do século [1901-1950], a homossexualidade figura em obras literárias: sem ser encoberta, mas de modo discreto. A consumação de amores homossexuais é interdita e transmuta-se em fonte de inspiração artística para os autores. O século 20 inaugura a possibilidade de os escritores redigirem, autobiograficamente, seus amores. Funda-se, portanto, a partir da segunda metade do século, um novo *Zeitgeist*, em que se dão a implosão dos obstáculos morais e a explosão da liberdade sexual. Escreve-se agora sobre a homossexualidade – dentre os franceses, conta-se com Gide, o estreante –, mas ainda é preciso suportar uma concepção de homossexual que o equipara a “artista degenerado”. Nas obras, geralmente o fim que se reserva aos atores cênicos envolvidos em tais questões é violento: ou se explora a morte ou o suicídio.

A situação conquista gradativas e pequenas benfeitorias, no que diz respeito à tolerância, a partir da II Guerra Mundial. No campo literário – e é aqui, inclusive, que se inscreve Julien Green, que agora tem a honra de ser eleito para a *Académie Française* –, a aceitação de discussões ficcionais ou de confissões por parte de escritores homossexuais se difunde. É bem verdade que ainda existem comédias que visam à caricatura, mas crescem as iniciativas artísticas que buscam refletir mais emotivamente sobre a questão. Personagens homossexuais passam a alocar-se em diversas peças teatrais e não são mais somente produções escritas por satiristas, mas pelos próprios autores, que usam da ribalta para encenarem seus fantasmas.

É o caso de Julien Green, que dá à luz, em 1953, a peça *Sud*, que abriga um envolvimento homossexual entre oficiais no contexto da Guerra Civil Americana. O diário de Green, assim como o diário de Lúcio Cardoso, é também espaço destinado ao questionamento e à

tentativa de pacificação de seus fantasmas. Mas, de acordo com Larivière, é somente nos textos autobiográficos propriamente ditos – *Partir avant le jour* (1963), *Mille chemins ouverts* (1964), *Terre lointaine* (1968) e *Jeunesse* (1974) – que Green “diz toda a verdade sobre ele mesmo” (1998, p. 243, tradução nossa).

O caso de Cardoso, nesse sentido, permanece desamparado, porque o autor mineiro não nos legou textos que se identificam com o colofão da autobiografia. Talvez a decisão de Green de confessar, em suas autobiografias, o que o seu diário não recolhe, tenha recebido fomento da atmosfera cultural francesa que, de acordo com Larivière (1998), ao menos a partir do século 18, sempre pareceu estar um passo adiante no que se refere à reavaliação dos costumes e da moral – e, conseqüentemente, à legitimação da literatura como um espaço para discutir a condição homossexual alheia ou própria.⁶

A missiva que Lúcio Cardoso redige em fevereiro de 1951 a um religioso resume a incompatibilidade insuperável que, em seu ver, se estabelece entre sua condição homossexual e a doutrina católica:

Um problema existe, sim, e grave, mas há vinte anos que eu me debato dentro dele, e é possível que, ultrapassando-o, nada mais me afaste desses sacramentos que são a base de toda a vida eterna. Este problema sou eu mesmo, simplesmente. Não preciso ferir a natureza particular de meus defeitos, para confessar que unicamente eles me impedem uma submissão total à Igreja — é que, lá dentro, esses defeitos que sou eu mesmo, não teriam lugar e, sem eles, no momento eu não consigo imaginar-me bem. (Carta escrita a um frade e que nunca foi enviada) (2012, p. 323)

Note-se que, para o romancista mineiro, a tomada de consciência do “problema grave” data de 1931 (“há vinte anos”), marco temporal em que o autor conta 19 anos. Reconhece a impossibilidade de ser um fiel incontestavelmente virtuoso, mas também não empreende a negação de si, pois compreende que seus defeitos são sua essência mesma. Essa aparente aceitação de si deveria conduzi-lo a um estado de espírito menos turbulento; no entanto, aqui e ali – seja no diário, seja em sua criação romanesca –, deparamo-nos com um escritor que está longe de vislumbrar qualquer simbiose pacífica entre a carne e o espírito. Mas a esperança na “infinita paciência” (junho de 1950) (CARDOSO, 2012, p. 282) de Deus não o impede, como um bom

⁶ O’Dwyer e Raclot anotam: “Da homossexualidade, o segredo por excelência do *Journal*, Green raramente fala, a não ser sob a forma alusiva de seus problemas de consciência” (2005, p. 261, tradução nossa).

cristão, de resvalar no terreno do pecado.⁷ A posição de Lúcio Cardoso diarista, que acredita no tratamento igualitário concedido por Deus às suas imperfeitas criaturas, força-o a redigir uma crítica ao engessamento religioso puritano:

Não, não podemos supor como os puritanos, como os protestantes, que a palavra de Deus deve ser vivida imediata e *in totum*, com toda a energia e severidade, para que haja “salvação”. A palavra de Deus não é uma ordem esclerosada, é um voto fluido de amor. Desde que se crê na palavra de Deus, não é possível fazer do pecado um habitat natural, mas também não devemos julgar irremissivelmente perdidos os que, louvando a palavra de Deus, ainda fraquejam diante do pecado, sem forças para preferir o bem ao mal. Imaginar que todos pudéssemos escolher de pronto, sem titubear, é criar apenas uma casta fria de presunção e de orgulho. (2 março 1951) (2012, p. 344)

Para Cardoso, portanto, quaisquer discursos ou práticas religiosas que negligenciem a luta dos fiéis contra o pecado – luta da qual nem sempre saem vitoriosos – tornam-se autoritários e hipócritas. É também concepção falseada qualquer uma que admita, de início, a possibilidade de se habitar uma redoma ideal, seguramente afastada do mal.

Green também critica a fria burocratização de uma Igreja comandada por “religiosos aburguesados no espiritual” (19 março 1943) (1949, p. 24, tradução nossa) e poucos eventos relatados pelo diarista apontam para uma instituição religiosa verdadeiramente misericordiosa. O que Green denuncia, em seu diário, é o discurso hipócrita e esvaziado de muitos sacerdotes, verdadeiros protagonistas do descompasso instaurado entre a teoria e a prática religiosas: “O sentimento que um ignorante pode ter de Deus é, às vezes, muito mais elevado do que aquele dito pelos professores de teologia em seus livros” (6 maio 1944) (p. 109, tradução nossa). A Igreja genuinamente humana é aquela que, apesar da lei, consegue relativizar eventos e, conseqüentemente, afrouxar suas normas, de modo que seu caráter humanizante não se deforme.

Green nomeia o problema sexual como sendo o principal fantasma de um fiel. Sua essência homossexual, por estar inscrita em seu espírito, é um pecado constante que o aguilha. Por conseguinte, a única herança reservada ao escritor é a da solidão. O pecador homossexual vivencia uma dupla interdição: não pode ser compreendido pelos homens e não consegue permanecer próximo a Deus.

⁷ Green também comenta que a verdadeira religião corresponde à labuta diária: “Não muito antes do meu quadragésimo aniversário que compreendi o que poderia ser a vida cristã; não a vida cristã tal como a concebe o mundo, mas a vida cristã segundo o Evangelho. Não se trata, absolutamente, de viver confortavelmente e de adicionar, àquela vida agradável, o luxo das aspirações místicas; trata-se de se levantar todas as manhãs e de retomar sua cruz do local onde fora deixada na véspera.” (7 abril 1945) (1949, p. 200, tradução nossa)

O tom com que Green escreve caracteriza-se, como critica Lúcio Cardoso, pelo puritanismo, uma vez que entende que o homem é criatura rebaixada porque atada à sua sexualidade. No entanto, a tragédia da sexualidade humana é amenizada pela constatação de que a “criação literária” (2 maio 1943) (1949, p. 32, tradução nossa) fundamenta-se sobre esse mesmo instinto – o qual, devido à sua origem, estabelece uma relação contraditória entre o homem e o Criador: “O inimigo número um do devoto é o instinto sexual; não nos esqueçamos de uma coisa: que esse instinto sexual provém de Deus” (2 maio 1943) (pp. 32-33, tradução nossa). A sensualidade inerente ao homem é o pecado primeiro. A saída da infância (e, portanto, o ingresso em um estágio posterior em que a sensualidade somente se faz acerba) é um *topos* frequentemente desenvolvido pelo escritor e que representa a perda da inocência.

Green deixa claro que a infância está irrevogavelmente vinculada à sexualidade; no entanto, a criança, em seu ver, frui da sexualidade sem que tenha consciência. A alma, na cosmovisão greeniana, é igualmente sensualista porque busca sua própria comunhão com o Absoluto para daí extrair fruição, gozo. Via religião, a aliança corpo/espírito não é censurável porquanto o sujeito é conduzido ao êxtase, que o faz sentir mais intensamente a presença da Divindade. Ao contrário, o gozo obtido a partir de uma transgressão moral afasta a criatura da Providência e a relação corpo/espírito torna-se deturpada, porquanto o espírito se converte em um cúmplice da falta cometida pela carne, que se enveredou por caminhos demoníacos. Essa é uma questão que intriga Green:

Há qualquer coisa de insondável na ideia cristã do pecado porque, por pouco que se reflita sobre ela, nos encontramos quase imediatamente em face de um mistério. Sei bem que o pecado reside na vontade da alma que consente àquilo que faz o corpo, mas a alma sendo espírito como pode ela consentir e, sobretudo, que prazer ela então aí encontra? Que felicidade ela saboreia na felicidade do corpo? Que passa à alma pelos canais dos sentidos? Onde se situa a fronteira entre o corpo e a alma? (7 fevereiro 1945) (1949, p. 194, tradução nossa)

Ao conviver com sua homossexualidade, o criador de *Le voyageur sur la terre* assume alguns discursos que se contradizem. Retome-se, em primeiro lugar, a visita feita a Gide e registrada em 16 de outubro de 1945. À saída, Gide pergunta a Green se ele jamais encontrara um equilíbrio e acrescenta que “as crises pelas quais você atravessa... mostram a que ponto você permaneceu jovem” (1949, p. 241, tradução nossa). O ganhador do Nobel de 1947 compadece-se

de Green: afirma que também já enfrentou crises, mas que a elas pôs um fim, sob pena de continuar se despedaçando. Green chega a conceber o pecado como detentor de uma dimensão pedagógica, capaz de aproximar a criatura aviltada de Deus, caracterizando-se, pois, como uma “experiência de vida na qual há um lucro enorme a se extrair, um lucro espiritual” (8 novembro 1944) (p. 171).

Lidos seus comentários por esse prisma, eles se aproximam da concepção cardosiana de que o pecado também é um caminho que conduz a Deus, entidade que ora é interpretada como um aliado, ora como algoz. A prece de Cardoso é para que Deus não dissipe nele o que é rebeldia – mesmo quando essa tendência à insurreição o conduz ao pecado – porque o escritor entende que experimentar a vertigem é uma possibilidade de sentir a Providência ao seu lado: “Quieto, estendido no meu quarto, peço a Deus que faça com que essa rebeldia, que eu vejo se aproximar de mim com tanta força, seja um hino de louvor a essa criação cuja espantosa beleza me revolve muito mais do que todas as palavras dos santos e dos moralistas” (6 junho 1950) (2012, p. 270).

Encontrar a presença de Deus no caos a que os homens se encontram tragicamente condenados: eis a profissão de fé de Cardoso e de Green que transcende um palavrório esvaziado e burocratizado de “santos” e “moralistas” em busca de palavras que consigam, verdadeiramente, comunicar a complexa relação entre o pecado e a criatura, reconfortando-a e exortando-a a seguir adiante, em sua luta e em sua queda diárias.

Os diários de Lúcio Cardoso e de Julien Green circunscrevem-se no âmbito católico – laço ideológico que frequentemente aproxima os autores em todas as suas modalidades criativas – e, para além das discussões de ordem metafísica propostas, marcam-se como documentos que se prestam ao suporte de uma escrita de si. Se as idiossincrasias que se distribuem pelos diários são a substância essencial para que se componham os biografemas dos autores, podemos sintetizar Cardoso como sendo o garoto rebelde da turma, ao passo que Green mantém-se, ao longo do quarto tomo de seus *Journaux*, com uma postura muito mais serena.

No que se refere às questões temáticas e aos pontos de vista defendidos – direta ou indiretamente –, não se notam diferenças diametralmente opostas entre os autores. Mesmo temas mais polêmicos, como homossexualidade, são desenvolvidos com inúmeros pontos de confluência. Portanto, a impressão que se tem quando Cardoso critica Green, chamando-o de “o

puritano engomadinho da turma” é a de que Lúcio – para manter a imagem controversa que sempre cultivou – desejava somente negar um de seus principais mentores literários.

Cardoso acusa o puritanismo em Green, mas diversas anotações cardosianas têm a mesma propensão à virtuosidade moral protestante. Os cenários diferem-se e Green, é certo, não se vale, em seu diário, de um tom tão exaltado e melodramático quanto o de Cardoso; contudo, as discussões percorrem caminhos ou desvios diferentes, mas confluem aos mesmos portos, às mesmas velhas questões. Interessaria, não obstante, investigar todos os outros tomos de Green para conferir se essa imagem puritana, atacada por Cardoso, se mantém ou se constrói de outra maneira.

A verdadeira religião, para ambos os escritores, diz respeito a uma “alegria interior” (30 janeiro 1943) (Green, 1949, p. 13, tradução nossa) e, para além de todo um sistema de doutrinas complexas – que beiram, por vezes, a frieza cerebral –, deve ter seu fundamento mesmo na simplicidade e nos detalhes com que a Providência preenche as cenas cotidianas.

Os diaristas tocam questões profundas acerca da condição e das relações humanas e que, por essa condição de inexauribilidade, sempre merecem reinterpretações. A grandeza das obras estudadas reside também no fato de que os diários se convertem em espaço de acolhida às opiniões dos autores em relação às artes, à literatura em específico, à religião e à ciência.

A fôrma dos **Diários** de Cardoso é essencialmente francesa, o que ressalta a influência de Green sobre o autor mineiro. Construções sintáticas e as inúmeras anotações redigidas em língua francesa sugerem a emulação vivida por Cardoso no que se refere à intelectualidade francesa. Há de se ressaltar o estudo de Ávila (2011), para quem o diário cardosiano retém uma espécie de frustração do autor, o qual somente pôde participar, a distância, da República das Letras europeia. Uma significativa diferença, contudo: o tom de escrita de Cardoso é bem mais melodramático, teatralizado, em oposição à costumeira escrita límpida de Green. Parece haver um grande esforço para que Cardoso construa e mantenha uma imagem muito mais polêmica do que a de seu mentor.

O diário é gênero herdeiro da modernidade literária porque prioriza a autorreferenciação, haja vista os exercícios metapoéticos e metacríticos dos autores. Trata-se também de um gênero mimético, pois, qualquer que seja a personalidade que se queira nele pintar, presta-se a conquistar a cumplicidade do leitor. Escolhe-se a índole mais comedida de Green: e o diário nos convence.

Escolhe-se a índole mais exacerbada e melodramática de Cardoso: e o diário nos convence também, à medida que logra êxito em ser o *tableau* sobre o qual a pintura é realizada. Se o que está pintado é verdadeiro ou não, isso é outra história. Mas, à parte a eventual e posterior confirmação biográfica, Julien Green e Lúcio Cardoso diaristas são inimputáveis e respaldam-se em sua escrita diarística a fim de conferir certa ordem ao caos em que vivem, fruto da incompatibilidade entre o meio social – primeira metade do século 20 – e sua essência.

RESUMEN

Se propone un estudio crítico comparativo de los diarios del autor brasileiro Lúcio Cardoso y del autor franco-americano Julien Green. Los textos objeto de análisis son Diário I (1949-1951) y Diário II (1951-1962), de Lúcio Cardoso, y el cuarto tomo de Journaux, de Julien Green, titulado L'œil de l'ouragan (o Entends la douce nuit), compilación que abarca los años 1943 a 1945. Los diarios analizados son un punto de partida para la crítica y la reflexión porque piensan la escrita diarística propia y el papel del escritor; se trata también de obras literarias que registran las reflexiones que estos dos escritores católicos realizan respecto a la homosexualidad, tema que será destacado. Se indaga por cuál es el tratamiento dado por los dos autores a la cuestión de la homosexualidad, cómo se da (en los diarios) la puesta en escena del drama existencial de cada uno y cuáles son las (in)compatibilidades visualizadas por ellos en lo relacionado con la religión y la homosexualidad.

Palabras clave: Diarios de escritores. Lúcio Cardoso. Literatura brasileira. Julien Green. Literatura francesa.

Referências

- ALMEIDA, Teresa de. **Lúcio Cardoso e Julien Green: transgressão e culpa**. São Paulo: Editora da USP, 2009.
- ÁVILA, Myriam. **Diários de escritores**. Belo Horizonte: ABRE, 2016.
- ÁVILA, Myriam. O diário e a diáspora. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, (jan./jun.). 2011.
- BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loiola**. Tradução de Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1979. (Coleção Signos, 23).
- BUENO, Wilson. Poética dos diários. **Revista Trópico**. 2008. Disponível em: <http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/2961,1.shl>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- CARDOSO, Lúcio. **Diários**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DIDIER, Béatrice. **Le journal intime**. 3. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da USP, 2009.
- GREEN, Julien. **Entends la douce nuit: journal (1943-1945)**. Paris: Librairie Plon, 1949. v. 4.
- LARIVIÈRE, Michel. **Pour tout l'amour des hommes: anthologie de l'homosexualité dans la littérature**. Paris: Delétraiz Éditions, 1998.

LIS, Jerzy. **Le journal d'écrivain en France dans la I^{ère} moitié du XX^e siècle: à la recherche d'un code générique.** Poznań: Adam Mickiewicz University Press, 1996. (Seria Filologia Romańska, n. 20).

MAHER, Eamon. The struggle to be Christian: Julian Green's "Each Man in His Darkness", **Writers on Catholicism 5 / Reality**, vol. 72, no. 3 (March). 2007. p. 17-18.

MARTY, Eric. **L'écriture du jour: le journal d'André Gide.** Paris: Éditions du Seuil, 1985.

O'DWYER, Michael. Julien Green (verbete). **New Georgia Encyclopaedia.** 2013. Disponível em: <http://www.georgiaencyclopedia.org/articles/arts-culture/julien-green-1900-1998>. Acesso em: 15 fev. 2017.

O'DWYER, Michael; RACLOT, Michèle. **Le journal de Julien Green: miroir d'une âme, miroir d'un siècle.** Oxford, Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt am Main, New York, Wien: Peter Lang, 2005. (Modern French Identities, vol. 39).

PERRIER, Jean-Claude. L'incroyable saga du « Journal » de Julien Green. **Le Figaro.**

Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/livres/2006/09/21/03005-20060921ARTFIG90252-l-incroyable-saga-du-journal-de-julien-green.php>. Acesso em: 15 fev. 2017.

SANTOS, Cássia dos. **Polêmica e controvérsia em Lúcio Cardoso.** Campinas: Mercado das Letras / FAPESP, 2001.

ZAFIROVSKI, Milan. **The Protestant Ethic and the Spirit of Authoritarianism: Puritanism versus democracy and the free civil society.** United States of America: Springer, 2007.